

ARIA STARK, DONZELA-GUERREIRA?

Carlos Oliveira – profcrlosletras@gmail.com

Pós-graduando em Língua Portuguesa pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA-PA)

Aline Rodrigues – alinerodriguesufpa@gmail.com

Doutoranda em Ensino-aprendizagem de Línguas e Culturas pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: Este artigo aborda em seu conteúdo uma análise sobre a personagem Arya Stark da obra literária, *As crônicas de Gelo e Fogo*, do autor George R.R. Martin. Para tanto, o estudo foi direcionado pelo estudo a respeito de gênero (GALVÃO, 1998), a saber, sobre a compreensão do termo donzela-guerreira e de sua importância frente às questões sociais pertinentes a vivência feminina, sobretudo na tradição literária. O propósito de analisar a personagem é de estabelecer um debate a respeito da ‘imagem’ feminina na obra, por meio de Arya e de uma comparação com a vivência da mulher na sociedade contemporânea, sendo assim, os conceitos teóricos, por meio de revisão bibliográfica sobre ethos (AMOSSY, 2014; EGGS, 2014) e da cena enunciativa (MAINGUENAU, 2014) auxiliam na constituição argumentativa para melhor compreensão dos tipos discursivos que estão no cerne social historicamente e que refletem na obra analisada. O resultado da pesquisa, a partir dos estudos da base teórica, foi convergente a elucidação da constituição social que o discurso tem frente à temática. Dessa forma, mostra-se relevante pontuar que compreender como os discursos são definidos e expressos através da literatura continua a revelar os entraves que resultam em ocasionais domínios de grupos sobre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Donzela-guerreira; Ethos; Análise do Discurso; Feminino.

1 INTRODUÇÃO

A presença feminina na literatura sempre apresentou muitas controvérsias na maneira como os autores retratam suas personagens, da importância que uma mulher recebe no decorrer do enredo, principalmente, quanto se trata de ficções de época ou “Science fiction”. É comum notarmos que os perfis das personagens femininas sempre apresentam certa concepção: tradição de representar um elo frágil, por vezes, hipersexualizada no que tange à jornada narrativa. A forma como são descritas e alocadas frente ao protagonista sugerem a inabilidade de viverem por si.

Embora haja uma quebra desta construção temática tradicional do ser feminino (FUNCK, 1993), ainda sim é possível encontrar certa cultura de escrita resistente à elaboração de personagens que sejam mais do que meras intermediárias entre os arcos narrativos. Esta pesquisa objetiva, portanto, analisar a partir do ethos discursivo (AMOSSY, 2014; EGGS, 2014) a descrição do ser feminino da personagem Arya Stark, na sequência de livros, *As Crônicas de Gelo e Fogo*, do vol. I ao vol. V, lançado no Brasil pela Editora Leya. Além disso, como centralidade da temática pesquisada, o termo donzela-guerreira (GALVÃO, 1998) soma-se a análise da personagem frente

às questões histórico-sociais, das cenografias (MAINGUENAU, 2014) nas quais o autor utilizou para dar substância à imagem da menina Stark.

2 DONZELA-GUERREIRA

2.1 O ETHOS DE ARYA STARK

A ideia de donzela-guerreira surge a partir de uma ótica alternativa sob os olhares leitores do ser feminino, tanto nas biografias quanto nas ficções. A composição da donzela-guerreira se diferencia da tradicional dinâmica do ser feminino fragilizado, traumatizado ou consternado com a jornada na qual é lançada sua sorte. Demonstração de quebras de paradigmas sociais é apenas um dos atributos evocados na trajetória literária pela qual percorre uma donzela-guerreira.

Essa personagem frequenta a literatura, as civilizações, as culturas, a história, a mitologia. Filha de pai sem concurso de mãe, seu destino é assexuado, não pode ter amante nem filho. Interrompe a cadeia das gerações, como se fosse um desvio do tronco central e a natureza a abandonasse por inviabilidade (GALVÃO, 1998, p. 11).

A ladainha da vida cotidiana não pode detê-la, não é possível tentar convencê-la das normas sociais que submetem sua existência a uma carreira sem ação independente. Seu objetivo é romper com as convenções e distrações de uma vida tranquila, sequente por toda uma vida ao lado de um homem, seja seu pai ou marido. O desejo da donzela-guerreira é estabelecer seu próprio legado, diligentemente, constrói metas, alcança objetivos. Ela se prepara para os maus dias e, nos bons dias, melhora suas habilidades.

Como afirmaria Foucault (2014), a donzela-guerreira assume a fala, o gesto, a dinâmica de um louco que não recebe atenções da sociedade, pois sua linguagem prevarica contra os padrões, foge aos parâmetros do que é certo ou errado,

o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo, pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber (FOUCAULT, 2014, p. 10 – 11).

O ‘discurso do louco’ citado por Foucault como a ‘loucura discursiva’ de Arya, a menina que estava além de seu tempo quando, ao tentar libertar-se das amarras de um sistema histórico-

social, algo que será visto mais a frente, cismou de que havia uma liberdade além da qual lhe era mostrada. Um destino em que era possível ser construído por meio de suas escolhas e não da sua entrega a um servilismo passivo no qual a mulher era abstraída da sua vontade. A ideologia presente na narrativa de Arya tomba o discurso da menina como insano e, conseqüentemente, ela é excluída, no sentido de não ser ouvida, do seu lugar de fala como interlocutora.

Do lugar de fala, elucida-se o conceito de ethos a partir da seguinte afirmação:

todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa (AMOSSY, 2014, p. 9).

Nesse sentido, a palavra, a ação e tudo o que compõe a personagem manifesta seu ethos, ou seja, seus hábitos, crenças e vontades. Nada segue uma sequência aleatória, mas há ordem nas atuações dela, a cada capítulo e livro. Consoante a isto, as informações implícitas do indivíduo são fonte de estudo do Ethos e de como elas são importantes para o desenvolvimento da comunicação, do se fazer entendido pelo outro com uma finalidade de argumentação visando a um convencimento. Para esclarecer o que a citação de Amossy propõe, é necessário compreender que todo ato comunicativo como: a fala e a gesticulação corporal são partes que, ao serem idealizadas por um interlocutor, permite-lhe uma expressão e essa tal manifestação da linguagem o direciona a comunicar-se com outrem.

Porém, toda comunicação pressupõe de uma ‘imagem’ e é isso que o Ethos nos impulsiona a compreender. Ao ler um livro, assistir a um comercial na TV, ao ouvir uma música etc; todas essas inumeráveis formas que há de a linguagem ser negociada entre interlocutores, carregam consigo informações que são explícitas e implícitas. Para cada sujeito que participa desses atos haverá uma maneira diferente de transmissão e de recepção de imagens.

Entretanto, por mais que haja um desempenho em qualquer esfera de atuação comunicativa, isso não garante que os interlocutores serão convencidos por tudo que o locutor esteja falando ou gesticulando. Para isso, explica Amossy (2014):

Que a maneira de dizer induz a uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto¹, é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as conseqüências. As entrevistas que determinam a escolha de um candidato para um cargo, os comícios eleitorais, as relações de sedução, todas as declarações em que a imagem do locutor implica riscos concretos, vêm nos lembrar desse fato.

¹ Cf. AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de Si no Discurso**: a construção do Ethos. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto. 2014. p. 9 – Neste sentido, o projeto pode ser compreendido como o discurso realizado pelo orador (Informação verbal).

A apresentação de si não se limita a uma técnica apreendida (ibidem, 2014, p. 9 et seq. Grifo nosso).

Erra, pois, quem acredita que o convencimento é subsidiado somente por meio de técnicas persuasivas, ou seja, há outros fatores que formam o ethos e, segundo Eggs (2014), a concussão de Ethos não é “somente o caráter honesto de um locutor ao pronunciar seu discurso”. É a troca de sentidos no discurso negociada entre os interlocutores durante a realização do ato comunicativo dentro de um determinado contexto que tem entre os interlocutores, todos os *hábitos, modos e costumes* atrelados ao tipo social. Logo, a trajetória de Arya Stark se identifica, sobremaneira, na descrição da donzela-guerreira, a menina assume a condução da sua própria vida e isso ressalta a quebra, ainda que não plenamente, dos valores tradicionais de uma literatura masculina, permeada de uma linguagem imbuída de pormenores a respeito de como uma mulher seria em determinado plano de fundo, pois há um padrão de como deve ser uma mulher. Para Funck (1993), o surgimento de tal literatura abre precedentes que culminam em uma quebra de produções hegemônicas, servidoras da reprodução de ideologias dominantes. Por sua vez, as críticas nos “textos femininos” exaltam à luta e à liberdade da mulher.

A principal consequência dessa evolução foi o surgimento, em meados de 1980, da categoria "gênero" como instrumento de análise literária, uma categoria que juntamente com as de classe e raça havia sido apagada sob o impacto universalizante do humanismo liberal do século XIX. A partir da perspectiva do gênero, o texto literário passou a ser visto em relação ao discurso hegemônico como um instrumento de ideologia e como um dos lugares onde a subjetividade é construída. Teorias do sujeito começam a influenciar análises textuais feministas, conforme ilustram os trabalhos recentes de Catherine Belsey e Teresa de Lauretis. Uma das mais produtivas e interessantes áreas de investigação tem sido a relação entre mulher e ficção, especialmente o romance e suas formas mais populares como a ficção científica, a fantasia, a utopia e o romance policial. O foco da análise vai desde as teorias de recepção até a estrutura narrativa e as convenções literárias, mas sempre enfatizando a ideologia patriarcal e o modo pelo qual a mulher pode criar posicionamentos não hegemônicos (FUNCK, 1993. p. 34).

Mas, e se tal ‘imagem’ for uma imposição social? A construção de um ethos a respeito de um indivíduo não está ligada somente ao que ele/ela apresenta, entretanto, está em sintonia com toda uma variedade cultural que, sabe-se, segundo a sociologia interacionista, são pequenas partes que compõem um todo da formação do sujeito quanto indivíduo e em coletividade, ou seja, na construção do sujeito, sempre haverá ‘imagens’ pré-concebidas que designarão as ocorrências de tal indivíduo, para tanto, por isso que temos ideologias como o machismo que afirma ao sexo oposto como frágil, pois em seu cerne, o que não é considerado do ‘universo masculino’ é tido como algo fraco. Com isso, há o perigo sempre iminente de que se construa sobre um indivíduo

ou sobre um grupo, uma imagem linear a respeito de tais e, assim, gerar preconceitos sem que haja um conhecimento a respeito das origens, do porquê tal maneira de se mostrar é daquela forma.

Além disso, temos a cena enunciativa – no que tange ao plano de fundo de onde a enunciação é produzida – que mostra os meandros desta análise a partir de um contexto histórico e de uma vivência social. Assim, comparamos a realidade à narrativa literária fantástica, *As crônicas de Gelo e Fogo*, que apresenta uma personagem singular: Arya Stark. Ela é uma garota com oito anos de idade, no volume I – *A Guerra dos Tronos* – que rejeita qualquer forma de ensinamento doutrinador para torná-la uma senhoria de classe. A história é ambientada com características da Idade Média – mas não faz alusão a nenhum evento histórico real. De acordo com os historiadores, o regime patriarcal era forte naquele período.

Arya Stark é comumente chamada de rebelde durante a narrativa por não se enquadrar naquilo que lhe é proposto. Suas ambições são oprimidas, pois elas são consideradas do ‘universo masculino’, tais como: aprender a lutar com espadas ou atirar com arco e flecha e ter o direito de escolher decidir se quer ser esposa de algum filho de lorde. Há, pois, um confronto entre a imagem que a sociedade quer construir sobre ela e a imagem que ela passa de si a partir do seu discurso. Tal desafio entre as preferências dela e o que sua família quer lhe impor, são marcas das diferenças entre os discursos, conseqüentemente, apresentando a sociedade que a personagem não passa de uma menina tola e sem ‘modos’.

A descrição de Arya no livro é bem interessante, pois desfaz a antiquada imagem que se constrói a respeito de como uma menina deve se comportar. Ela é magra e com um perfil atlético, por vezes, confundida com um rapaz. Possui habilidades matemáticas e tem uma visão pragmática das situações que a rodeiam. Ao ler sobre tal personagem, é percebido que sua narrativa não é comum com outras demais literaturas em que a mulher, geralmente, é apresentada de maneira frágil, contudo, não façamos uma generalização do que foi escrito. Cada autor tem uma percepção e concepção diferente de suas personagens, para Martin, ao construir Arya, ele não quer apenas ‘vender’ uma personagem para seu público, como acontece em outras obras em que a ‘mulher’ é apenas uma figura que serve como atrativo ao público masculino.

Ao trazer tais aspectos para a realidade da mulher de hoje, observa-se uma quebra de paradigmas fundamentados em um sistema político conhecido como Patriarcalismo. Este modo de governo, apesar de não ser explicitamente mostrado, está presente na maioria das falas e ações dos sujeitos sociais, principalmente, nos homens e com certa ocorrência na fala de mulheres conservadoras. Para tanto, temos outro aspecto que Arya luta contra e é em relação ao seu direito de escolha. Para ela, por ser filha de um senhor (vassalo), suas obrigações estão para casar-se com alguém que seja escolha de seu pai. Isso mostra o quanto à sociedade que possui raízes no modelo

patriarcal condiciona suas mulheres ao nível de propriedade. Apesar de que alguns direitos já tenham sido conquistados pelas mulheres, implicitamente, a sociedade ainda subjugava a mulher a mesma escolha de Arya: a necessidade de casar.

Ou seja, de acordo com o tipo social sempre haverá uma maneira em que o conjunto de hábitos (*hécxis*) moldará as relações humanas, sendo também identificado como Ethos de sentido neutro. Na história de Arya, seu irmão a presenteia com uma espada e o seu pai envia um tutor para treiná-la na arte da esgrima. Tornando-a capaz de defender-se, caso haja alguma situação em que a ponha risco de vida.

A interpretação desse trecho resumido da narrativa condiz com o empoderamento da mulher frente às suas lutas diárias, mas, ainda assim, talvez para manter a coerência narrativa, o autor usa as personagens masculinas para dar a ela os meios de aprender a lutar, considerações à parte. Há verdadeira necessidade de a mulher instruir-se sobre seus direitos para que eles sejam usados em prol da sua própria defesa e também das demais que são desconhecedoras deles.

A comparação entre Arya e a mulher contemporânea partem do pressuposto de que há uma sociedade machista que busca manter as velhas correntes opressoras. Não conferindo para elas o reconhecimento dos seus discursos, o que é um retrocesso infeliz, haja vista, por meio das lutas sociais em que as mulheres estavam presentes, exemplifica-se com as trabalhadoras da Revolução Francesa e atualmente com mulheres vítimas desse perpétuo ciclo de humilhação que ‘sobreviveram’ e se ergueram, a batalha delas garantiu o direito de se mostrarem pelo próprio discurso originado nelas e não impositivamente.

Para Dominique Mainguenu (2014, p. 75), os diversos ethos que circulam em sociedade, de acordo com a análise do discurso (AD), precisam levar em consideração que para cada imagem construída, constituída e assumida há uma cenografia, “Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, ela é construída [...]”. Isso diz respeito ao tipo de apresentação que o locutor traz por meio do seu ato comunicativo, válido para o oral e para o escrito. A relação que isso tem com o ethos feminino assegura as diversas maneiras como o discurso da mulher pode ser visto.

Assim como é narrada à história de Arya, a cenografia do discurso dela evoca a visão de uma menina que luta para expressar sua vontade, o que é melhor para ela, e mostra ao leitor como uma sociedade patriarcal é injusta. Conferido somente ao ‘homem’ a oportunidade de escolha e a ‘obrigação’ a mulher por meio de uma cenografia ‘ritualística’, ou seja, a mulher como objeto principal de uso do homem.

Em contrapartida, a relação com o momento em que o discurso é efetuado, importa entender todas as diversas cenas enunciativas mostradas. Neste caso, o plano de fundo da literatura da referida obra é a Idade Média, teremos, pois: o patriarcado em um dos seus momentos de maior

ápice quanto fator ideológico – isso é comprovado por fatores históricos – e a relação de subserviência da mulher. Temos Arya (no primeiro volume da série), aprendendo lições de costura em vez de poder optar por quais atividades ela gostaria de exercer. Mas, como foi dito, a *béxis* que corresponde ao ethos, ou seja, aos hábitos que se tornam uma convenção cultural é perpetuado por meio dos sujeitos sociais o que traz o discurso ficcional de Arya à realidade material.

A cena enunciativa atual da luta feminina por independência frente aos diversos pontos de resistência do regime machista. A relação entre tais cenas enunciativas convencionam o discurso ideológico de uma maioria (homens) contra a de uma minoria (mulheres). Vemos em Mainguenu (2014), a respeito da cenografia e do Ethos que

a cenografia, como o ethos que dela participa, implica um processo de enlaçamento paradoxal: desde sua emergência, a fala supõe uma certa cena de enunciação que, de fato, se valida progressivamente por essa mesma enunciação. A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, dele legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala emerge é precisamente a cena requerida para enunciar, com convém, a política, a filosofia, a ciência... São os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e validar a própria cena e o próprio ethos, pelos quais esses conteúdos surgem (MAINGUENAU, 2014, p. 77 – 78).

Sendo assim, a cenografia que estabelece “concretamente” o ethos feminino perpassa por questões enraizadas na cultura da sociedade. Logo, a imagem que a mulher ‘reproduz’ é estabelecida antes mesmo da sua concepção (no sentido de nascimento), temos significados que comumente, por exemplo, atribui à cor rosa para as meninas e o azul para os meninos. Frequentemente, o herói é conferido à força do arquétipo masculino, enquanto a “princesa” recebe a fraqueza como arquétipo do feminino.

Portanto, essas diferenças são sutilmente construídas por meio de uma imagem reducionista das capacidades da mulher em relação a sua autoafirmação; a autoestima feminina logo é atribuída de maneira inferiorizada e subjugada. Logo, o conhecimento de que tal cenografia ‘legitima’ tais criações que diferenciam a mulher e, como consequência, prejudica o desenvolvimento dela quanto sujeito que se torna legitimado por seu discurso frente a um conjunto de hábitos.

3 AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

3.1 A GUERRA DOS TRONOS

O livro que marca o início das Crônicas de Gelo e Fogo, o volume um, é intitulado de A guerra dos Tronos², nele há o começo de toda a narrativa das crônicas que compõem os cinco livros já lançados. Porém, ainda faltam mais dois volumes para que haja o desfecho das personagens em Westeros, o continente onde acontece a história, e propriamente dito, o destino de Arya. Como todo começo de uma narração, é comumente marcada pela apresentação das personagens, façamos, pois, a de Arya Stark.

O trecho a seguir descreve parte da vivência dela em meio ao castelo onde vive com sua família, leia:

Os pontos de Arya estavam de novo tortos.

Franziu a sobancelha, desapontada, e olhou de relance para onde a irmã Sansa estava entre as outras moças. Os bordados de Sansa eram magníficos. Todos assim diziam. “O trabalho de Sansa é tão belo como ela”, dissera uma vez Septã Mordane à senhora sua mãe. “Ela tem mãos tão bonitas e delicadas.” Quando a senhora Catelyn lhe perguntara por Arya, a septã fungara: “Arya tem as mãos de um ferreiro” (MARTIN, 2010, p. 53).

Como foi lido, a jovem fidalga mostra a sua ‘inaptidão’ para os trabalhos de “caráter feminino”. Contudo, como marca o grifo, a ideia é de que há sempre uma tentativa de colocá-la para elaborar a mesma tarefa, sem haver uma consulta a ela. É uma função já preestabelecida que a própria família impõe sobre a garota, apesar de comum para àquela época, a menina não gostaria de realizar tal função, a de costurar. Além disso, temos a comparação entre as duas irmãs, que segue sobre o halo do elogio e admiração a uma e a torrente de desprezo à outra, devido as duas ocuparem lugares distintos no que tange as tarefas impostas às mulheres.

Uma é mais apta para o trabalho de bordar, do que a outra. A jovem Sansa é a filha mais velha que cumpre sobremaneira as funções de uma menina, filha de um senhor vassalo, enquanto que Arya desconhece a noção de sua posição. Para Arya vale o que ela pensa e não o que as obrigações da ‘nobreza’ determinam. Observe no excerto a seguir qual era a vontade dela.

Jon (irmão) lançou uma olhadela curiosa a Arya.

- Não devia estar trabalhando em seus pontos, irmãzinha?

Arya fez-lhe uma careta.

- Queria vê-los lutar.

Ela sorriu.

[...] – A mulher também é importante! – protestou Arya.

[...] Às moças dão as armas, mas não as espadas. [...] Não fui eu que fiz as regras, irmãzinha (ibidem, p. 55 – 56).

² Cf. MARTIN, George R. R.; **A Guerra dos Tronos**. Tradução de Jorge Candeias. – São Paulo: Leya, 2010.

O protesto da menina é uma tentativa de demonstrar a sua emancipação dos valores sociais de comportamento que para ela era impositivo. Porém, a fala do seu irmão mais velho bastardo, é a mostra necessária para entender os meandros da concepção feminina, que se tinha em uma sociedade feudal.

Conforme visto no primeiro capítulo, o dito sistema feudal foi o responsável por gerir as relações políticas e sociais na Idade Média, nos livros que compõem as Crônicas de Gelo e Fogo, tem se o mesmo tipo de administração baseada no Feudalismo que existiu no continente europeu. Na instância maior de poder, temos o rei, aquele que governa todo o continente de Westeros, e abaixo dele há os lordes, os vassalos, e os sacerdotes do culto aos Sete, a religião oficial do reino. O pai de Arya (Eddard Stark/ Ned) é um dos feudos mais importantes do reino. A posição dele em relação ao reino é o de cumprir com todos os deveres ‘morais’, garantindo que a “justiça do rei”³ seja executada sem qualquer desvio, para isso, as filhas precisam obedecer aos regimentos éticos que conduzem a maneira de se portar de uma ‘dama. Com o transcorrer da história, Arya vai com o pai e com a irmã Sansa à capital de Westeros, Porto Real, para morar. Logo, a família fica dividida, o pai, Lorde Ned, a filha mais velha, Sansa, e Arya vão para Porto Real a convite do rei para que Eddard torne-se a “mão do rei”⁴. Em Winterfell, ficam a mãe, Catelyn Stark, o irmão e primogênito, Robb Stark, e os dois filhos caçulas, Bran e Rickon Stark junto com um agregado da família, Theon Greyjoy, enquanto que o filho bastardo de Ned, Jon Snow, é enviado para servir na Patrulha da Noite. Lá a menina sente-se chateada por ter que cumprir com todas as normas que a prendiam. Porém, seu pai resolve presenteá-la com aulas de esgrima para tentar amenizar a situação na qual chateava a filha. Leia o excerto da primeira aula dela

Era a terceira vez que o homem a chamava de “garoto”.

- Sou uma menina – objetou Arya.

- Menino, menina – disse Syrio Forel. – É uma espada, é tudo – fez estalar os dentes. – Isso mesmo, é assim que se segura. Não está segurando um machado de batalha, mas uma...

- ... agulha (espada) – terminou Arya por ele, ferozmente (ibidem, p. 163).

O professor da jovem Arya ensinou-a valiosas lições de esgrima, mas, sobretudo, ao valor de reconhecer em si próprio a força interior para gerar mudanças. O fato de o mestre a chamá-la de garoto, era intencional ocasionar nela uma mudança dos paradigmas sociais que carregava consigo.

³ Esse termo refere-se à aplicação de leis aos diversos tipos de ‘crimes’. Cada vassalo é como um tipo de juiz das suas áreas de domínio, entretanto, cabe ao rei gerir as leis principais e ao cumprimento delas ser função dos lordes.

⁴ O segundo homem mais poderoso do reino, estando abaixo, hierarquicamente, apenas do próprio rei.

Dentre as lições aprendidas, a de que em uma batalha, seja em um sentido denotativo ou não, a arma usada é a expressão de sua convicção, de sua força. Para que a menina tivesse o reconhecimento de seu ideal, ela teria que lutar muito até alcançá-lo. Portanto, no primeiro livro que compõe a série, Arya demonstra um crescimento de suas ideias de igualdade, percepção construída desde a sua viagem de Winterfell a Porto Real. Na próxima parte, será apresentada uma Arya mais madura e com mais obstáculos. Essa mudança ocorre devido à execução do pai, no fim do primeiro livro, acusado de alta traição.

3.2 A FÚRIA DOS REIS

No segundo volume da série, intitulado de *A Fúria dos Reis*⁵, temos a continuação da narrativa de uma guerra que ao fim do primeiro livro se conflagra, quando, o rei Robert Baratheon morre e, no seu lugar, assume o filho Joffrey Baratheon. No contexto da narrativa, várias casas da nobreza, levantam-se para contestar o direito à regência de Joffrey, haja vista que nos livros posteriores, é revelado a sua concepção incestuosa (gerado pela rainha e o irmão gêmeo dela), o tornando bastardo, portanto, legítimo para assumir o trono.

Com isso, inicia-se uma guerra entre aqueles que querem destituir o ‘rei bastardo’ e aqueles que o querem no poder. Ainda no primeiro livro, o pai de Arya, Eddard Stark (ou Ned Stark), é o pivô desta problemática, pois ele descobre a origem amoral do suposto filho do rei falecido, Robert, e vai ter com a rainha, Cersei Lannister, uma conversa para que ela se retire do palácio e abra mão do direito de governança. Contudo, ela não faz isso e, nesse interim, o rei Robert morre e o filho assume o lugar do ‘pai’. O pai de Arya é acusado de alta traição por tentar insinuar que o reinado de Joffrey não é legítimo e acaba sendo executado por meio da guilhotina. Leia o excerto que narra como a menina se sentia e o que aconteceu com ela após a morte do pai.

Sua cabeça parecia ter caroços quando a tocava. Quando Yoren a arrastara para aquele beco, Arya achou que quisesse matá-la, mas o amargo velho limitou-se a segurá-la firme, abrindo caminho com o punhal pelas suas madeixas emaranhadas. Lembra-se de como a brisa tinha soprado os punhados de cabelo castanho sujo sobre as pedras do pavimento, em direção ao septo onde o pai morreria. [...] Quando ele terminou, não havia nada na cabeça além de tufo de cabelo cortados curtos. Mais tarde, Yoren disse que dali até Winterfell ela seria Arry, o órfão (MARTIN, 2011, p. 25).

A drástica mudança que a menina estava passando será um ponto chave para ela no que tange ao seu amadurecimento. Vê o pai sendo executado injustamente gera nela um sentimento

⁵ Cf. MARTIN, George R. R.; **A Fúria dos Reis**. Tradução de Jorge Candeias. – São Paulo: Leya, 2010.

revoltoso, porém não sem sentido. A ‘perturbação’ pela qual o mundo de Arya passa é intenso, são pressões fortíssimas e ela é somente uma menina. Além disso, essa mudança de identidade pela qual ela é submetida para salvar a própria vida, posteriormente, torna-se um desafio. Seu ‘benfeitor’ é Yoren, um soldado da ‘Patrulha da Noite’, um homem que por causa do seu juramento de honra, abdicou de quaisquer direitos. A menina precisou passar por menino para que não fosse reconhecida e, posteriormente, mantida cativa em Porto Real pela família real. Vejamos:

Quando por fim adormeceu, sonhou com seu lar. [...] Ansiava por voltar a ver a mãe, e Robb, Bran e Rickon... mas era em Jon Snow que mais pensava. [...] Ela gostaria disso. Gostaria mais disso do que de qualquer outra coisa (Ibidem. 2011, p. 29).

Apesar de estar em uma situação na qual gostaria: a de ter liberdade (em cavalgar, ver novos lugares e entre outros), em sair e poder ‘lutar’, a menina necessitou processar internamente a perda brusca do seu aconchego familiar, apesar de que toda família foi penalizada pela morte do pai que era considerado um homem de caráter íntegro em todo o reino, mas, somente a filha mais velha, Sansa, e Arya estavam na cidade quando houve a decapitação do pai. Após a viagem a Porto Real, ela e a sua família jamais seriam os mesmos. Portanto, a desafortunada garota, nesse contexto, precisou crescer muito rapidamente, ela suprimiu a dor do luto e se assumiu em uma nova identidade para que a vida fosse poupada e que no trajeto de ‘volta’ a sua casa, o fato dela ser menina não viesse a ser um ‘problema’.

No trajeto que a levaria para Winterfell, o domínio de sua família, por conta da selvageria da guerra, o acampamento dela é atacado e, novamente, a menina precisa esconder que é filha de um lorde e de que é menina. Ao fim do segundo livro, ‘Arry’ é capturado por um dos lados daqueles que estavam em guerra. Por não estar apresentável como a filha de um vassalo, ela foi tomada como uma transeunte qualquer da estrada do rei⁶, isso a fez passar por outra mudança de identidade. Antes Arry, depois Nam, a filha de uma camponesa, ela é levada para a fortaleza de Harrenhal, onde servirá por algum tempo como pajem, entretanto, ao fim do livro, ela foge da fortaleza.

⁶ Nome dado a principal estrada do continente de Westeros, que vai desde Porto Real (a capital) até as extremidades do reino, na ‘Muralha’(uma grande muralha de gelo maciço que marca o limite do continente ‘civilizado’ das terras selvagens e seus habitantes).

3.3 A TORMENTA DE ESPADAS

No terceiro livro da saga, *A tormenta de Espadas*⁷, a personagem foge da fortaleza onde estava, Harrenhal, e é no ambiente caótico da guerra que ‘Nam’ precisa sobreviver e se desvencilhar de possíveis algozes, como aqueles que a levaram do acampamento de Yoren. Arya se põe a caminho de Correrio⁸, cidade onde poderá encontrar abrigo no castelo do avô paterno. Entretanto, a menina está cansada de sua jornada. Leia no excerto a seguir

Avançando penosamente a passo lento enquanto a luz se desvanecia em volta deles, Arya descobriu que sua própria exaustão pesava bastante sobre si. Precisava dormir tanto quanto Torta Quente, mas não podiam se atrever. Se dormissem, poderiam abrir os olhos e encontrar Vargo Hoat em pé ao lado deles, com Shagwell, o bobo, Fiel Urswyck, Rorge, Dentadas, o Septão Utt e todos os seus outros monstros (MARTIN, 2011, p. 43).

Mais uma vez ser mulher a coloca em perigo, pois os cavaleiros, aqueles que deveriam ser símbolo de honra e justiça não passam de homens que buscam suprir seus desejos, as suas necessidades. Ser mulher no período de guerra entre os senhores e o rei é um desfavor porque os comandantes e capitães dos exércitos, por vezes, permitem as atitudes grotescas como forma de aliviar a tensão de seus ‘homens’. Entretanto, as mulheres tornam-se vítimas desse tipo de “permuta”. Para Arya, fugir da fortaleza de Harrenhal era um ato de bravura, haja vista, que o lorde que ocupava a fortaleza era conhecido por seus métodos cruéis de tortura contra os que desobedecessem a suas ordens.

No trecho transcrito acima, há a menção de que a personagem tem ‘monstros’, mas quem são eles? Pela leitura da obra, os monstros são outras personagens que ocasionaram direta e indiretamente sofrimento físico e psíquico a ela e aos seus familiares, temos, portanto, o rei, a rainha (mãe do rei) dentre outros. Para o ódio que ela sente, Arya repete um tipo de tantra que contém o nome de todos os seus agressores. Entretanto, a frustração maior da menina é que ela não pode vingar-se porque não tem a ‘força’ necessária para isso e por haver leis que a proíbam de tomar qualquer tipo de ação contra os ‘homens do rei’.

Neste outro excerto, teremos a manifestação do subconsciente dela em relação ao seu desejo de vingança por meio de um sonho, leia:

Ela não era uma garotinha no sonho; era uma loba, enorme e poderosa, e quando emergiu de sob as árvores, diante deles, e lhes mostrou os dentes, num rosnido

⁷ Cf. MARTIN, George R. R.; **A tormenta de Espadas**. Tradução de Jorge Candeias. – São Paulo: Leya, 2011.

⁸ Nome de um dos domínios do continente, equivalente a um estado.

grave e trovejante, sentiu o fedor repulsivo do medo que exalavam tanto os cavalos como os homens (Ibidem. 2011, p. 43).

A identificação dela com uma loba revela o anseio de sua liberdade, assim como o animal selvagem é livre para ir aonde deseja, sem preocupações com imposições moralmente sociais, a menina podia ser no seu breve sonho, a criatura que possuía o que ela tanto queria: o direito de ir e vir. Infelizmente, era impossível ela tornar-se como uma loba e liderar uma alcateia.

Percebe-se também o crescimento dela desde o primeiro volume, a irritada garota que não conhecia o seu potencial estava tornando-se e revelando-se uma excelente ‘guerreira’, haja vista, dentre tantos fatores, o plano bem arquitetado de sua fuga, que foi bem funcional. Além disso, ela conseguiu utilizar as técnicas de esgrima e defender-se contra um atacante que tentou impedir sua fuga ao fim do segundo livro. Sendo assim, Arya apresenta um crescimento em sua maturidade e reconhece em si própria a necessidade de aperfeiçoar as habilidades que a possam permiti-la tornar possível seus objetivos. Contudo, algo acontecera a sua mãe e ao seu irmão Robb, ambos foram mortos, vítimas de uma emboscada. A irmã Sansa permanecera como refém na capital, e os irmãos mais novos foram dados como mortos quando um agregado de sua família voltou-se contra os ‘Starks’, a esperança de Arya era reencontrar o irmão bastardo, Jon Snow.

3.4 O FESTIM DOS CORVOS

No quarto livro da série, O festim dos Corvos⁹, após a sua fuga de uma fortaleza onde era mantida como pajem de um lorde, Arya passa por muitos contratempos que a fizeram refletir os seus objetivos e a maneira como ela se enxergava em relação ao mundo que a cercava. Leia: “Na verdade, Arya não sabia o que desejar, assim como não sabia o que a esperava sob aquela luz distante.”, Martin (2012, p. 81).

Na citação acima, temos uma personagem que apesar de não mostrar direcionamento quanto ao seu destino, a atitude de lançar-se ao ‘desconhecido’ expressa o crescimento da jovem menina que teve a sua vida transformada por causa de uma guerra. Nela não há mais um sentimento de bravata como havia nos volumes anteriores da série de livros, porém ela reconhece em si a capacidade de mudar o próprio destino se ela permitir a si que, por meio de novas experiências, ela apreenda todo conhecimento possível para vingar a família morta. Para compreender a narrativa, leia um trecho em que ela pensa sobre o ‘lar’: “Seu lar desaparecera, os pais estavam mortos, e todos os irmãos tinham sido assassinados, exceto Jon Snow, na muralha.” Martin (2012, et. seq.).

⁹ Cf. MARTIN, George R. R.; **O festim dos Corvos**. Tradução de Jorge Candeias. – São Paulo: Leya, 2012.

Para a menina, o seu lar estava em ruínas, não havia lugar para ir, exceto se fosse à Muralha¹⁰, porém lá não era permitida a entrada de mulheres e sabia que se fosse até lá, o seu irmão bastardo não poderia ajudá-la, pois o juramento dele o fez abrir mão de qualquer laço familiar. Para tanto, o que restara era ir à busca de um lugar em que pudesse ficar segura e aprender, como citado, novos conhecimentos que a permitissem tornar concretos os seus planos de vingança contra todos os responsáveis pela derrocada de sua ‘casa’.

Desiste então de ir para Correrio e parte então para Bravos¹¹, ao apanhar um navio. Ouviu ela que na cidade para onde se dirigia, lá haveria um lugar onde poderia aprender a tornar-se uma serva do ‘Estranho’¹², no templo dele, segundo boatos que a personagem ouvira, ela poderia aprender a ser furtiva e ao completar o treinamento, tornar-se uma assassina.

Sou uma loba, e não vou ter medo. Afagou o cabo da Agulha para lhe dar sorte e mergulhou nas sombras, subindo dois degraus de cada vez, para que ninguém pudesse alguma vez dizer que tinha medo (Ibidem. 2012, p. 87).

A menina identifica-se como uma loba. Esse animal é o alter ego da personagem que, assim como um lobo, precisa sempre estar atento em meio à natureza que a cerca. Entretanto, é um lupino que não tem mais a sua alcateia, ou seja, a família. Essa é uma metáfora bem colocada pelo autor dos livros, pois apresenta a subjetividade da personagem de maneira bem funcional.

Assim como os lobos vivem em alcateias e dependem do grupo para sobreviver, da mesma forma era Arya em sua família. Ela não poderia ser forte independentemente, mas junto dos seus familiares, a menina era forte e estava segura. Entretanto, tudo mudou ao deparar-se com a morte dos seus. Portanto, a menina precisa repetir para si mesma continuamente que ela é uma *loba*, inteligente, audaz, forte, feroz e, mesmo sem a sua matilha, consegue sobreviver a qualquer intempérie.

3.5 A DANÇA DOS DRAGÕES

¹⁰ Cf. Ibidem. **O festim dos Corvos**. Tradução de Jorge Candeias. – São Paulo: Leya, 2012. A Muralha, além de ser um grande muro maciço de pedras de gelo, também abrigava a Patrulha da Noite, homens que dedicavam toda a vida como guardiões contra possíveis invasões dos povos bárbaros. Além disso, outro motivo pelo qual não se permitia a convivência entre os homens e as mulheres: o ‘juramento de honra’ dos patrulheiros consistia em uma declaração de renúncia a certos hábitos, tais como: a relação com uma mulher, o direito de herança familiar, o constituir família e, acima de tudo, não se envolver em problemas relacionados ao reino, o serviço deles era exclusivo para a Muralha. Eles vestem-se todos de uma indumentária negra, o que ocasionou a alcunha de ‘Corvos’.

¹¹ Cidade que estava fora da geografia do continente de Westeros, considerada uma cidade livre, ou seja, não havia regime monárquico que a governasse. Entretanto, sua administração se dava por meio de associações de homens ricos que compunham uma espécie de grupo administrativo.

¹² O Estranho é a ‘sétima expressão’ da deidade cultuada em Westeros e em algumas cidades livres, conhecida como Os Setes, ele não possui face e por isso recebeu tal nomenclatura.

O quinto livro da série, *A dança dos Dragões*¹³, mostra uma Arya completamente diferente das outras dos livros anteriores. A dança dos dragões é um dos livros que mais apresentam a manifestação de uma literatura fantástica, obviamente, por meio das ações de dragões que aparecem como um expoente relevante à narrativa.

Para tanto, a personagem elencada, Arya Stark, continua em seu treinamento para tornar-se uma assassina profissional. No quarto livro, ela tem um encontro com os sacerdotes do Estranho e, após um diálogo com eles, a menina transforma-se em uma aprendiz do assassinio furtivo.

Tornou-se Arya a ‘garota cega’, Beth, aquela que precisava aprender a abster-se do sentido da visão para que pudesse treinar os outros e, no quinto livro, ela fica cega após tomar uma bebida dada pelos sacerdotes. Leia como a menina trocara a identidade desde o início de sua narrativa e em como ela aprendeu com a ‘cegueira’:

Algumas noites, teria chorado até dormir, se ainda fosse Arya, ou Doninha, ou Gata, ou mesmo Arya da Casa Stark... mas ninguém não tinha lágrimas. Sem olhos, mesmo a mais simples das tarefas. [...] Todos os cantos e recantos tornavam o templo traiçoeiro, mesmo depois que a garota cega aprendeu a usar seus ouvidos; o jeito que o som de seus passos ricocheteava no teto e ecoava em torno das pernas dos trinta imensos deuses de pedra fazia as parecerem se mover [...] (MARTIN, 2012, p. 43).

A menina precisou aprender a lidar com as dificuldades que para ela eram quase que obstáculos intransponíveis, todavia, a vontade dela tornou-a forte e resiliente. As mudanças de nome mostram as diversas fases pelas quais a personagem precisou passar para que pudesse chegar a um lugar onde pudesse ‘crescer’ em suas próprias capacidades, buscando melhorar aquilo que já estava nela, porém em estado de latência.

Sem a separação dela e da sua família, não seria possível que ela partisse, ainda que pela sobrevivência como primeiro plano, ela adquirir independência. Sabendo andar por todos eles sem perder o foco de seu objetivo, de buscar meios para vingar a família e mostrar àqueles que duvidaram dela que, mesmo menina, conseguiu equiparar-se ao gênero oposto.

Portanto, a personagem Arya, mostrada neste capítulo por meio de alguns trechos dos livros que compõem a série de livros (ainda não terminada, pois faltam os volumes seis e sete), revela-se continuamente como um indivíduo que mostra um crescimento, tanto psicológico quanto físico, seu arquétipo de menina não é estática, entretanto, é a cada volume em uma dinâmica, uma evolução da personagem em que há uma identificação com os leitores. Seja por esse motivo que os livros tornaram-se um fenômeno mundial.

¹³ Cf. MARTIN, George R. R.; **A Dança dos Dragões**. Tradução de Marcia Blasques. – São Paulo: Leya, 2012.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar a importância desta pesquisa que gerou este trabalho, é possível afirmar a necessidade de esclarecimento a respeito da mulher para que haja mudanças significativas, no sentido de sua representatividade em meio à sociedade. Todas as informações aqui colocadas, os conceitos trabalhados e os argumentos construídos ao longo dos capítulos visaram a desconstruir qualquer perspectiva preconceituosa recorrente entre os discursos sociais nos quais somos, historicamente, constituídos.

A reprodução de ideologias opressoras passa, então, a ser uma escolha de quem as elenca em sua fala quanto indivíduo em que, infelizmente, reflete por meio de ações agressivas. Todo prejulgamento é como um ciclo tendencioso ao erro, pois carrega em si a incapacidade de conhecer a perspectiva de outrem. É a escolha em permanecer na ignorância por causa de uma posição hostil em relação ao que se apresenta como ‘novo’.

Entretanto, dizer que a busca da mulher por uma expressividade não é hodierno como assim pensamos, mostra a insensatez que o sistema causa na discursividade daqueles que se filiam a tal ponto de vista. Apesar de a estruturação feminista ser inaugurada nos anos 60, nos Estados Unidos, percebe-se que a história conta-nos a factualidade de mulheres que já esbravejavam antes mesmos das recentes lutas por igualdade de direitos. Temos, portanto, uma luta memorável que tem se estendido até nossos dias e alcança as diversas camadas sociais.

Contudo, é ainda preciso ser feito tal esforço para que a sociedade como um todo seja alcançada por essa matriz libertária. É por meio do conhecer o passado e das leituras discursivas que fazemos em nossos meios sociais. Seja talvez exequível o alcançar um nível de respeito em que haja ponderações, sem perdas, dos argumentos dos diversos sujeitos.

Sendo assim, é prioritário o trato referente a pesquisas atribuídas de um senso desconstruído de parâmetros ideológicos, problemáticos em relação à causa de reproduções discursivas que perpetuam o machismo, por exemplo. Ou seja, é uma necessidade tremenda que a sociedade busque por conhecimento para que os hábitos preconceituosos em relação às mulheres não sejam tangíveis as próximas gerações. Decerto, é uma verdadeira batalha a se travar quando se trata de valores ideológicos e da quebra destes, das mudanças de pensamento necessárias para que haja modificação das ações dos indivíduos a partir da individualidade para o coletivo.

Com isso, as alterações seriam positivas, pois o reconhecimento da mulher seria pleno. Mas, enquanto tal realidade ainda não é presente, é com infelicidade que testemunhamos o tratamento desigual sofrido por elas. Agressões físicas e psicológicas são comumente relacionadas a episódios em que há uma obrigação imposta a elas, dada pela condição de gênero. Tais atrocidades são apenas

uma parcela considerável do que está enraizado nas concepções conservadoras e machistas da sociedade. É levado em consideração, também, o apoio por instituições governamentais e religiosas que se erguem como colossos ideológicos e não permitem a manifestação inteira e sem abdições da mulher.

Portanto, inditosamente, afirma-se que a sociedade contemporânea assim como as suas predecessoras é quase inteiramente discriminatória no que se refere à realização da mulher e do seu objetivo de buscar igualdade de direitos. Sem que tal não sofra nenhum tipo de penalidade por isso. É assim manifesta como foi com a personagem Arya Stark, objeto de pesquisa, na qual teve sua narrativa analisada para que por meio de uma história fantástica, escrita atualmente, seja dada como significação ao tipo de sociedade em que estamos reproduzindo hábitos sociais tais quais os da sociedade medieva.

Cabe, pois, analisar e refletir a respeito de qual tipo de ethos estamos configurando para os sucessores deste tempo. Em como serão os tipos discursivos que estarão em circulação a partir de uma mudança ou em como ou a qual ponto a sociedade terá um retrocesso de seus valores baseados em respeito mútuo se caso as alterações de ideologias e seus sujeitos não se abram para, positivamente, agregar a alteração que corrigem as posturas opressoras do passado.

5 REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de Si no Discurso**: a construção do Ethos. 2º ed. São Paulo: Editora Contexto. 2014.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In _____ (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. 2º ed. São Paulo: Contexto. 2014.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24º ed., São Paulo: Edições Loyola. 2014.

FUNCK, Susana. Feminismo e Utopia. **Estudos Feministas**, ano I, nº 1, 1993.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **A donzela-guerreira**: Um estudo de gênero. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

MAINGUENAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In _____ (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. 2º ed. São Paulo: Contexto. 2014.

MARTIN, George R. R.; **A Dança dos Dragões**. Tradução de Marcia Blasques. – São Paulo: Leya, 2012.

MARTIN, George R. R.; **A Fúria dos Reis**. Tradução de Jorge Candeias. – São Paulo: Leya, 2010.

MARTIN, George R. R.; **A Guerra dos Tronos**. Tradução de Jorge Candeias. – São Paulo: Leya, 2010.

MARTIN, George R. R.; **A tormenta de Espadas**. Tradução de Jorge Candeias. – São Paulo: Leya, 2011.

MARTIN, George R. R.; **O festim dos Corvos**. Tradução de Jorge Candeias. – São Paulo: Leya, 2012.

Title

Aria Stark, warrior maiden?

Abstract

This article addresses in its content an analysis on the character Arya Stark of the literary work, the chronicles of Ice and Fire, of the author George R.R. Martin. For this, the study was directed by the study about gender (GALVÃO, 1998), namely, the understanding of the term damsel-warrior and its importance in relation to social issues pertinent to female experience, especially in the literary description. The purpose of analyzing the character is to establish a debate about the feminine 'image' in the work, through Arya and a comparison with the experience of the woman in the contemporary society, being, therefore, the theoretical concepts, through bibliographical revision On the ethos (AMOSSY, 2014, EGGS, 2014) and the enunciative scene (MAINGUENAU, 2014) help in the argumentative constitution for a better understanding of the discursive types that are in the social core historically and that reflect in the analyzed work. The result of the research, from the studies of the theoretical basis, was convergent to elucidation of the social constitution that the discourse has. Thus, it is relevant to note that understanding how discourses are defined and expressed through literature continues to reveal the barriers that result in occasional domains of groups over others.

Keywords

Warrior Maiden; Ethos; Discourse Analysis; Feminine.

Recebido em: 22/09/2017

Aceito em: 21/12/2017